

EDITORIAL

O primeiro número desta revista InCID trouxe a importante teorização de Michel Foucault na área de Biblioteconomia e Ciência da Informação; neste segundo número, uma sequência quase natural desponta no pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari, já na abertura de Ronald Day, ao falar de diferenças e conexões, dois importantes constructos dessa filosofia. Mas as diferenças e as conexões a que se refere Day são aquelas percebidas nos conceitos filosóficos de mapa, máquinas e agenciamentos maquínicos, no interior da filosofia da diferença e quando aplicados a áreas de computação. A literatura brasileira de Ciência da Informação discute pouco cotejos nesse nível de aprofundamento, donde a importância de autores internacionais para fomentar esse debate.

As provocações, entretanto continuam no texto de Walter Moreira: quem disse que as linguagens documentárias sairiam ilesas dos agenciamentos maquínicos? Gilles Deleuze não é um filósofo da linguagem e nem a considera a coisa mais importante do mundo; ela é um dos elementos do agenciamento e, talvez não o mais importante. Entretanto, do seu conceito filosófico de rizoma, é possível problematizar ou provocar, nas palavras do autor, as linguagens documentárias.

Mas provocação de fato faz Luciano Floridi em seu texto publicado na revista *Social Epistemology* intitulado *Ciência da Informação e Biblioteconomia como Filosofia da Informação aplicada*. Trouxemos ao leitor uma tréplica de Floridi, após ler os comentários dos mais renomados cientistas de informação àquela sua proposta; A BCI não quer ser parte aplicada de ninguém, o que faz Floridi explicar, novamente, suas idéias num pos-fácio da revista *Library Trends*, que tivemos a honra de traduzir; estamos diante de um autor pouco estudado no Brasil, e portanto, mereceu a sua tradução para a literatura de ciência da informação brasileira.

São panoramas temáticos, filosóficos e conceituais os veiculados nas revistas científicas: assim Cláudio Marcondes de Castro Filho traça o perfil temático dos trabalhos de conclusão de curso (TCCs) desenvolvidos na Universidade de São Paulo, campus de Ribeirão Preto, em nível de graduação. E Giulia Crippa traça as histórias do conhecimento, tal como elas se apresentam na Idade Média e que, na apreciação da autora, são novas histórias do conhecimento. Vamos saber porque?

O conhecimento acumulado no mundo moderno coloca a questão da necessidade do controle bibliográfico universal. E são as bibliotecas nacionais que realizam esse controle, no relato de Luciana Grings e Stela Pacheco.

Podemos, entretanto, pensar a relação do conhecimento com a Terra, em hipóteses de territórios qualificantes do trabalho com informação. É o que faz Leonora Corsini ao trazer para o debate, uma plêiade de novíssimos sociólogos pensando o trabalho como acontecimento ou efetuação de mundos, na inspiração deleuziana e/ou espinosana. Quem não conhece a figura do técnico de informática a nos visitar a cada nova versão de um aplicativo? E os demais trabalhos com informação, passariam no teste da hipótese levantada? As bibliotecas universitárias no âmbito das ações culturais apresentadas por Gisele Ribeiro Sanches e Sinomar Ferreira do Rio passariam no teste de hipótese de Corsini? Ou ainda o trabalho realizado em bibliotecas é por demais institucionalizado para merecer hipótese tão desterritorializante?

As utopias planetárias existem e é isto que mostra Isa Freire em simpático mapa conceitual; será o processo de leitura e significação mais uma das utopias com que lidam os profissionais de informação? Miguel Angel Rendón Rojas e Elia Magdalena Martínez Sánchez querem nos falar sobre isso.

No relato da experiência da agroecologia temos mais uma história de conhecimento apresentada à IFLA de 2010, em *Open access repository for the brazilian literature on agroecology* por Maria de Cleofas Faggion de Alencar.

Tefko Saracevic conversa conosco na sessão de entrevistas; afinal como podemos olhar a Ciência da Informação, após quarenta anos de suas primeiras formulações?

Não percam também a saborosa resenha elaborada por Marco Antonio de Almeida, observando como o resenhista encaminha-nos para a área da ciência da informação a partir do texto de Howard BECKER; Falando da sociedade: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social.

Desejamos a todos boa leitura

Comissão Editorial